

Narrativas de estudantes do 9º ano e as ideias históricas sobre a regionalidade no Vale do Taquari – RS

Narratives of 9th Grade Students and Historical Ideas about Regionality in the Taquari Valley – RS

Cristiano Nicolini*

RESUMO

As narrativas sobre a regionalidade emergem de forma mais evidente em contextos de pretensa diferenciação frente às tendências de padronização cultural. As identidades envolvidas nesses discursos refletem-se em diversos aspectos da sociedade, desde projetos de formatação turística até os espaços educacionais. Nesse texto, buscamos compreender a influência dessas narrativas nas ideias históricas construídas por estudantes ao chegarem à etapa final do Ensino Fundamental (9º ano), em uma região específica situada na porção centro-leste do estado do Rio Grande do Sul: o Vale do Taquari. A partir de referenciais teóricos e metodológicos da Educação Histórica, analisamos as narrativas de 542 estudantes sobre a história do lugar onde vivem, construindo quatro categorias de interpretação das ideias presentes nessas elaborações: presentista, etnocentrada, multicultural e intercultural. Palavras-chave: narrativas; regionalidade; educação histórica.

ABSTRACT

Narratives about regionality emerge most clearly in contexts of alleged differentiation in the face of cultural standardization tendencies. The identities involved in these discourses are reflected in various aspects of society, from projects of tourist formatting to educational spaces. In this text, we seek to understand the influence of these narratives on the historical ideas built by students when they reach the final stage of elementary school (9th grade), in a specific region located in the central-eastern portion of state of Rio Grande do Sul: the Taquari Valley. From the theoretical and methodological frameworks of History Education, we analyze the narratives of 542 students about the history of the place where they live, building four categories of interpretation of the ideas present in these elaborations: presentist, ethnocentric, multicultural and intercultural. Keywords: narratives; regionality; History education.

* Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO, Brasil. cristianonicolini@ufg.br

O ensino de História que parte da perspectiva da consciência histórica dos estudantes, considerando as angústias e as necessidades do presente, conduz a um novo paradigma em que a escola não é mais vista como um espaço isolado da pesquisa acadêmica. Sua função, através do ensino de História, deixa de ser compreendida como um simples conjunto de métodos e estratégias para que as crianças e jovens consigam “compreender o conteúdo com mais facilidade”. O comprometimento do professor com a aprendizagem requer a compreensão de como a consciência histórica dos sujeitos atua neste processo. A relação do *quê* e de *como* se ensina com a realidade presente é condição básica para esta nova perspectiva.

Antes de ser pensado cientificamente, o passado precisa chegar ao presente pela significação que a consciência histórica desencadeia. Quanto mais conhecimento obtivermos sobre o passado, maior será esta consciência, a partir da qual serão feitas as perguntas e suas consequentes explicações históricas. Assim, “[...] o passado não está morto, mas plenamente vivo na evolução das circunstâncias e nos ordenamentos atuais da vida” (RÜSEN, 2015, p. 91).

Segundo Barca (2011), Rüsen distinguiu diferentes tipos de consciência histórica: a *tradicional*, relacionada ao apego dogmático às tradições e a uma visão de passado fixo que deve permanecer imutável; a *exemplar*, que valoriza “leis” da História enquanto lições seguras para o futuro; a *crítica*, que recusa certo passado e advoga a sua desconstrução para criar o oposto; e a *genética*, segundo a qual a História é encarada como fonte de compreensão do mundo, pois fornece pistas para uma orientação temporal objetiva de cada sujeito, mas sempre de forma flexível, dado que os fenômenos sociais e naturais se interligam em constantes reconfigurações. A consciência histórica genética é aquela que melhor equipa os sujeitos no século XXI. Através dela, o passado é encarado como fonte para compreensão significativa do mundo que se apresenta com permanências e mudanças complexas.

Partindo desses referenciais teóricos, apresentamos a caracterização do lugar onde desenvolvemos a pesquisa sobre um tipo específico de narrativa, relacionado à regionalidade. Para isso, selecionamos uma turma de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental em cada um dos trinta e seis municípios que compõem a região do Vale do Taquari, situada na porção centro-leste do estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Essa região é marcada por uma construção discursiva que data principalmente da segunda metade do século XX, cujos

referenciais históricos assentam-se nas representações sobre a imigração germânica e italiana do final do século XIX e começo do XX, predominantemente. A partir das diferentes manifestações culturais presentes nesse território na atualidade, elaboramos um roteiro de trabalho que foi aplicado nas turmas selecionadas para a pesquisa, uma em cada município da região.

Esta etapa da investigação, cujo desenvolvimento deu-se de forma presencial em cada escola, totalizando 542 estudantes envolvidos na pesquisa, estendeu-se de maio a setembro de 2019. Foram quatro meses de pesquisa de campo, numa experiência quase etnográfica, incluindo caminhos e paisagens variadas, mas principalmente conhecendo pessoas que vivem nesse território. São elas que revelam, de fato, o que significa viver no Vale do Taquari.

AS NARRATIVAS QUE CONSTROEM A REGIONALIDADE

Na perspectiva desta investigação, compreendemos a região como um constructo histórico e cultural, que parte de um conjunto de elementos naturais para a elaboração de estratégias dentro dos limites forjados pelos sujeitos que atuam naquele espaço. Esta configuração é dinâmica, apesar das iniciativas para fortalecer a ideia de uma identidade regional. Justamente neste processo de mudança constante, na verdade, é que os envolvidos no processo buscam definir os traços identitários que distinguem o seu lugar em meio aos outros espaços contemporâneos. O passado, neste sentido, é uma das referências que o regionalismo emprega para responder às necessidades do presente. Os critérios que definem esta delimitação são múltiplos, e atendem aos interesses das pessoas no tempo. Podem surgir, podem ser remodelados ou até mesmo desaparecer, dependendo das circunstâncias e dos interesses envolvidos.

No campo do ensino de História, tanto a nível nacional quanto estadual, os estudos sobre o local e o regional ainda se concentram nas propostas curriculares para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Na região do Vale do Taquari também se reproduz esta tendência, sendo que em alguns casos ainda se identifica a proposta de ensino a partir dos círculos concêntricos, em que a criança inicia a compreensão da realidade a partir de si mesma e vai ampliando para os espaços em que ela se insere – família, escola, bairro, município, região, estado, país, e assim por diante até chegar à dimensão global. Já outras propostas buscam introduzir uma concepção de história local ou “do lugar”,

evidenciando as conexões entre o mais próximo (vivido pelo aluno) e o nacional, regional, geral ou mundial, concomitantemente (BITTENCOURT, 2008).

O reconhecimento da História Regional como forma de compreender as outras porções do Brasil influenciou as propostas de ensino de História no Vale do Taquari. A História dos municípios e da região vem ocupando cada vez mais espaço nos currículos das escolas, tanto públicas quanto privadas. Apesar das escolas municipais sentirem de forma mais direta a atuação das secretarias de educação locais, nas instituições estaduais e privadas também há esta tendência em valorizar as narrativas locais e regionais (NICOLINI, 2006).

Na perspectiva da Educação Histórica, o ensino de História Regional provoca novas reflexões sobre este tipo de abordagem. Neste sentido, ela deixa de ser somente uma metodologia ou “recorte” espaço-temporal, passando a compreender as relações entre as narrativas locais ou regionais e a consciência histórica. Assim, a aprendizagem deve basear-se na epistemologia da História, compreendendo os usos e as ideias que integram o cotidiano das pessoas e, mais especificamente, dos alunos no contexto escolar.

A proposta desta investigação é situar estas narrativas e suas possibilidades para a formação do pensamento histórico. Se elas possuem a especificidade de abordar temas mais próximos ao cotidiano dos alunos, questiona-se como o professor pode transformar esta oportunidade em situação de aprendizagem significativa, auxiliando na compreensão dos conceitos históricos e, a partir destas narrativas regionais, desenvolver a consciência histórica para compreender contextos mais amplos. Nesta perspectiva, privilegiamos uma abordagem intercultural e humanista da História, na medida em que o regional possibilita a compreensão do global.

No Vale do Taquari, este processo de construção de narrativas sobre a regionalidade pode ser percebido na produção de materiais didáticos, programas de ensino, propostas pedagógicas, práticas docentes, entre outras formas de representações do passado. Os alunos, como público, participam dos processos de patrimonialização das memórias regionais, cuja seleção se dá a partir de determinadas passagens, atores, períodos e eventos das narrativas acerca da História dos municípios.

Segundo Le Goff (1994, p. 207):

Com efeito, a grande diferença é que a criança – não obstante as pressões do ambiente exterior – forma em grande parte a sua memória pessoal, enquanto que a memória social histórica recebe os seus dados da tradição e do ensino, aproximando-se porém do passado coletivo enquanto construção organizada [...].

Assim que ingressa na escola, o estudante passa a receber informações e construir novas percepções sobre o meio no qual vive, além dos conhecimentos e vivências já construídos no período anterior à escolarização. Esta memória social, portanto, é estimulada pelos envolvidos na elaboração de propostas pedagógicas para o ensino de História. O passado coletivo é apresentado em forma de livros, textos, imagens e demais representações que integram um determinado projeto que é, por sua vez, identitário. Lembranças e esquecimentos são processos simultâneos que legitimam as representações do passado, constituindo as narrativas atuais.

A relação entre ensino de História, memória e patrimônio foi analisada por diversos autores, principalmente a partir da retomada dos referidos conceitos no meio acadêmico nas últimas décadas. A partir disso, muitas instituições públicas e privadas que desenvolviam projetos voltados para a valorização da memória e do patrimônio tornaram-se objeto de pesquisa da ciência histórica. Novos olhares passaram a congregar, por vezes em um mesmo evento, historiadores e memorialistas, cientistas e “apaixonados” pelo passado, transpondo fronteiras que delimitavam as duas formas de fazer história. Da mesma forma, a escola passou a integrar tais discussões, incorporando novas diretrizes acerca da educação patrimonial em seus currículos. Esse redirecionamento levou a entender que:

A patrimonialização de um bem é um ato político por excelência. Significa que elegemos algo para representar-nos em detrimento de outras possibilidades. Todos os bens patrimonializados contribuem para a formação de identidades de grupos e categorias sociais. Fazem parte da memória e, como tal, permitem-nos estabelecer elos de pertencimento com o passado. (MACHADO e MONTEIRO, 2010, p. 26)

A memória é uma das bases da História, mas só recentemente tornou-se objeto da historiografia (SILVA e SILVA, 2006). Hoje contesta-se a ideia de que a memória não possa ser trabalhada como documento histórico. História

e memória passaram a ser vistas como inseparáveis, na medida em que a primeira lida com o contexto de vida social e a segunda com as trajetórias individuais. Porém, a memória não é somente individual. Para os historiadores, interessa mais a memória coletiva, entendida como propriedade de uma comunidade ou grupo (idem).

A memória coletiva fundamenta a identidade de um grupo, apegando-se a elementos fundadores e apagando outros aspectos (ir)relevantes. Neste contexto entra o historiador, com a função de trazer à tona as memórias evidenciadas e as negligenciadas. A escola, como espaço de ensino e aprendizagem histórica, pode tanto reafirmar quanto contrapor a compreensão destas narrativas, dependendo das estratégias e da perspectiva didática do professor e da escola como um todo.

Nos municípios que integram a região do Vale do Taquari, são produzidos materiais de divulgação das potencialidades locais e regionais, destacando-se aspectos naturais, econômicos e históricos sobre as localidades que compõem o território. A delimitação da região é associada às peculiaridades destes municípios, que buscam evidenciar um passado homogeneizado e legitimador das representações construídas ao longo dos anos (NICOLINI, 2006; 2013).

Estas representações são ligadas a passagens da História regional que cristalizam o passado, excluindo determinadas narrativas em função daquelas que foram selecionadas. Os diferentes portadores desse discurso oficializam estas memórias, enquanto os esquecimentos geram as invisibilidades inerentes ao discurso memorialista. Este processo, portanto, tem também a sua historicidade. Foi construído a partir de determinados grupos e discursos, os quais podem ser identificados e contextualizados na trajetória da formação da consciência histórica regional ao longo do século XX, principalmente.

Primeiro, as representações eram feitas a partir de álbuns comemorativos, jornais, livretos e outros meios impressos que divulgavam as potencialidades regionais. Mais tarde, livros escolares, exposições, museus e outros espaços foram edificados nos municípios. Hoje, há também os acervos virtuais, compostos por sítios eletrônicos mantidos pelas administrações municipais, entidades privadas, organizações não-governamentais, entre outros.

De que forma essas memórias foram se perpetuando e se relacionando? Como chegaram até o presente e de que forma se mantêm? Esta trajetória requer uma investigação a partir de diferentes fontes disponíveis em acervos

públicos e privados, bem como em espaços de memória. No entanto, há um lugar em que o processo de patrimonialização de memórias ocorre de forma mais sistematizada e planejada: as escolas de Educação Básica da região. A partir da elaboração do currículo, as diferentes instituições de ensino investem na construção do conhecimento histórico sobre os municípios e sobre a região do Vale do Taquari. O discurso e a prática escolar colaboram para a afirmação identitária regional, selecionando passagens que se integram ou são excluídas do ensino de História regional.

A imigração para o Rio Grande do Sul, e conseqüentemente para a região do Vale do Taquari, deu-se em função de que as terras do sul do Brasil eram consideradas “vazios demográficos”, apesar de estarem ocupadas, na época, por indígenas e caboclos (SEYFERTH, 1994). Os imigrantes que se estabeleceram na região receberam lotes de terras nos quais foi implantado o regime da pequena propriedade familiar, modelo inexistente nos latifúndios de outras regiões do Brasil até aquele momento.

Estes imigrantes passaram gradativamente a assumir uma nova identidade ligada às colônias nas quais se instalaram. No entanto, não deixaram de identificar-se com a nação de origem, cujo passado passou a constituir a memória que daria sustentação às representações da identidade étnica construída no novo território. Embora nem todos tenham se tornado colonos, lembrando que alguns assumiam atividades comerciais e até mesmo industriais, a imagem que se perpetuou nas representações dos imigrantes, especificamente no Vale do Taquari, foi a do *colono-imigrante*, que até hoje é utilizada para recontar a história dos municípios da região.

A construção de identidades que se desenvolve por meio de práticas pedagógicas, principalmente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, vem a se incorporar, nesta perspectiva, à consciência histórica já formulada antes mesmo da educação escolar. Esta consciência é formada a partir do contato com os espaços de memória e demais representações que integram o cotidiano das pessoas que vivem nos municípios do Vale do Taquari.

Neste sentido, a intenção desta investigação é contribuir para a compreensão da consciência histórica na formação escolar, partindo da realidade apresentada nos municípios do Vale do Taquari: os processos de patrimonialização de memórias que ocorrem no território e a sua relação com o ensino de História nas escolas, tomando as narrativas de estudantes como indícios para a

análise. A questão central desta investigação reside na compreensão da formação da consciência histórica a partir de uma narrativa específica que permeia tal relação, cuja atuação se dá antes, durante e após o processo de escolarização.

A patrimonialização de memórias emerge no contexto heterogêneo das sociedades contemporâneas como essencial para a questão da coesão social (FERREIRA, 2012). A escola participa deste processo de acumulação, conservação, atualização e reconhecimento de lembranças, bem como do compartilhamento de representações sociais. E o ensino da História do município e da região ocorre a partir da seleção de temas e conteúdos que, segundo os agentes pedagógicos, são importantes para a formação desta consciência do passado.

Estes intercruzamentos vão ao encontro da proposta de Jörn Rüsen, em sua teoria da História, para o qual as pesquisas acerca da formação da consciência histórica são fundamentais para compreender as diferenças entre a História como ciência e a História ensinada nas escolas. Por meio da Didática da História, compreendida como a ciência que trata do ensino e da aprendizagem neste campo do conhecimento, é possível e necessário investir na aproximação entre a universidade e a escola básica, reduzindo distanciamentos e provocando questionamentos ao paradigma que atribui à didática apenas os métodos de ensino.

O ensino da História regional merece atenção, na medida em que é desenvolvido ainda nos anos em que a criança constrói percepções da realidade que a cerca e na qual convive. Assim, pensar sobre o quê e como se ensina a História do meio no qual o estudante vive, torna-se importante objeto de investigação para a historiografia. Tal iniciativa se torna imprescindível quando se pretende redimensionar o papel da Educação Histórica na contemporaneidade, promovendo a sua real incorporação pelos currículos e a criação de canais de efetivo diálogo com a sociedade.

Entre estas formas de conexão, os processos de patrimonialização são objeto privilegiado para compreender as pontes que interligam escola e territorialidade, na medida em que são narrativas que atuam antes, durante e após a vida escolar dos estudantes que vivem na região do Vale do Taquari. Em que medida o passado regional interfere na formação da consciência histórica desses sujeitos? De que forma essas narrativas são veiculadas e recebidas pelas crianças e jovens que, diariamente, frequentam os espaços escolares, teórica e legalmente responsáveis pela formação humana, crítica e reflexiva dos pequenos cidadãos?

Se antes a História servia para forjar uma identidade nacional, hoje ela contribui para a constituição de diversas identidades. Porém, assim como o discurso de unificação nacional incluía e excluía sujeitos e processos das narrativas oficiais, a História regional também acaba privilegiando determinados grupos em contraposição a outros que, mesmo que sejam mencionados, acabam situados em uma hierarquia de importância e significado histórico por meio das narrativas (BITTENCOURT, 2008).

No Vale do Taquari, as representações históricas dos imigrantes são predominantes nos diversos portadores de discursos. Durante muito tempo, sequer foram realizadas pesquisas sobre os outros sujeitos na formação histórica da região, o que acabou fortalecendo a ideia de que “tudo iniciou com a chegada de alemães e italianos no século XIX”. Porém, nas últimas décadas, algumas pesquisas vêm trazendo para o cenário historiográfico estas histórias esquecidas.

Uma instituição que vem atuando neste sentido é a Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES), que, através de projetos de pesquisa, ensino e extensão, propõe levar até as escolas, principalmente, resultados destas novas perspectivas na investigação sobre o povoamento do Vale do Taquari. Um exemplo é o projeto “Educação Patrimonial: dinâmicas da colonização humana no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul”, que busca problematizar as narrativas sobre a ocupação da região: “Aprende-se nas escolas sobre a imigração europeia, e muitas vezes se esquece das populações que colonizaram o Vale do Taquari antes da chegada dos europeus” (BOTTONI). O projeto é desenvolvido a partir de oficinas e da distribuição de um material produzido pela instituição, atuando como incentivador de novas práticas e narrativas a partir do ensino da História regional.

OS ESTUDANTES E AS SUAS NARRATIVAS

A escola é um dos espaços mais interessantes para quem pretende refletir sobre o sentido do passado e as diferentes formas de apropriação das narrativas pelos sujeitos. Porém, durante muito tempo, a aula de História foi compreendida como o momento em que se transmitia o conhecimento produzido pelos historiadores, cabendo aos profissionais simplesmente encontrar formas de facilitar a aprendizagem por meio de recursos diversificados (BITTENCOURT, 2008).

Nesta investigação, partiu-se de outro referencial, que destoa significati-

vamente da concepção tradicional de ensino e aprendizagem. A escola, neste sentido, é percebida como um espaço de construção do conhecimento, cujos sujeitos, os estudantes, não se resumem a receptores de uma transposição didática, cujos conteúdos devam ser assimilados a partir de produções elaboradas pelos profissionais.

É certo que a investigação historiográfica exercida pelos profissionais deste campo emprega metodologias específicas, bem como um conhecimento teórico mais amplo do que aquele apresentado pelas crianças e adolescentes. No entanto, é indispensável compreender de que forma estes sujeitos pensam historicamente, valorizando as suas ideias e narrativas para que se possa, efetivamente, ensinar a disciplina História.

A Educação Histórica marca de forma evidente este campo de investigação, promovendo estudos que compreendem a escola como um grande campo de possibilidades para a pesquisa, abandonando a ideia de que o ensino se dá de forma isolada, como pensavam aqueles que atribuíam estas funções à Pedagogia ou somente à área da Educação. História, na perspectiva desta investigação, é aquilo que se elabora em diferentes espaços, por meio de múltiplas narrativas, apesar destas se configurarem como tipos diferentes de elaboração (RÜSEN, 2015). A História como conhecimento científico é a forma mais sofisticada de narrar o passado, mas não a única. Como dialogamos com esta multiperspectividade? O que os estudantes do 9º ano, concluintes do Ensino Fundamental, têm a nos dizer sobre o que pensam e como pensam a regionalidade no Vale do Taquari?

Para obter os dados empíricos da pesquisa, selecionou-se uma turma de alunos do 9º ano de cada município da região para responder a um conjunto de questões elaboradas a partir de uma seleção de imagens disponibilizadas nas mídias acerca de lugares de memória, festividades, símbolos e demais artefatos culturais que são comumente associados à localidade. A seleção destas imagens foi feita a partir de material disponível na internet, pois visava oferecer aos estudantes representações com as quais eles têm contato diariamente nas mídias. No entanto, como as imagens sobre a presença negra e indígena são escassas (especificamente sobre a região do Vale do Taquari), acabou-se repetindo algumas delas nos conjuntos apresentados em diferentes municípios. A intenção foi oferecer imagens que contemplassem diversos grupos étnicos. No entanto, nem todos são representados de forma tão evidente nas mídias. Essa variabilidade foi considerada na aplicação dos questionários, quando o aplica-

dor interagia verbalmente e solicitava que os participantes observassem as imagens não pela estética, mas pelo significado que tinham na perspectiva deles.

O material apresentado aos estudantes constava de um mapa do Vale do Taquari subdividido em microrregiões, seguido de um roteiro de questões:

1. Se você fosse apontar um símbolo para a sua cidade, a partir das imagens a seguir, qual delas escolheria como:

- a primeira e mais adequada
- a segunda mais adequada
- a terceira mais adequada
- a quarta mais adequada
- a quinta e menos adequada

2. Por que escolheu esta sequência de imagens?

3. Quais imagens você acrescentaria?

4. Conte a história da sua cidade, para um visitante que vem de outro lugar.

A partir desta proposta, pode-se obter um conjunto de dados acerca das ideias históricas dos estudantes concluintes do Ensino Fundamental acerca das narrativas sobre a História local e regional. A metodologia baseia-se nos princípios da Educação Histórica, na medida em que parte das ideias prévias dos jovens acerca das narrativas sobre a regionalidade no Vale do Taquari. Conforme salienta Barca (2000), é preciso ter em mente que o constructo cognitivo dos jovens não é só pensamento nem apenas sentimento, mas um posicionamento como pessoa inteira. O ato de compreender o outro, neste sentido, também integra cognição e emoção.

Considerando as múltiplas possibilidades que o trabalho de campo poderia oferecer, positivas e negativas, decidiu-se pela visitação a todos os trinta e seis municípios que integram a região do Vale do Taquari, mesmo que a princípio a ideia parecesse inviável. Até porque a quantidade de estudantes entrevistados seria numericamente mais ampla do que aquela que o bom senso sugeria. Ao final da jornada de quatro meses, de fato, chegou-se ao total de 542 estudantes do 9º ano entrevistados em diferentes escolas das redes municipal e estadual destes municípios, equivalendo a trinta e nove instituições.

Neste conjunto de realidades com as quais se tomou contato, figuram escolas com turmas de 9º ano formadas por quatro estudantes matriculados, contrastando com outras em que a turma totalizava mais de trinta jovens. A faixa etária dos entrevistados, incluindo indivíduos do gênero masculino e

feminino, variou entre 13 e 18 anos de idade. As escolas visitadas situam-se em meio rural e urbano, apresentando diferentes espaços e organizações curriculares. Nesta tipologia, incluem-se instituições com currículo voltado para a educação ambiental, para a educação de turno integral, direcionadas a famílias de baixa renda, com e sem oferta de Anos Iniciais e/ou Ensino Médio, entre outras características que interferem significativamente na cognição dos estudantes nelas matriculados.

No entanto, mesmo considerando todas estas variáveis, delimitou-se a investigação de forma que todos estes estudantes seguissem um roteiro de trabalho único, apenas variando quanto ao conjunto de imagens que foram apresentadas no material disponibilizado em fotocópias para cada participante. A partir de uma conversa inicial sobre o intuito da pesquisa, os estudantes utilizaram, em média, 30 minutos para classificar as cinco imagens de acordo com a ordem de significância que as suas respectivas representações têm para o município ou para a região, de acordo com os seus conhecimentos e percepções, e depois responder às três questões formuladas a partir destas imagens.

A pesquisa, portanto, caracterizou-se como qualitativa e quantitativa, na medida em que optou-se por aplicar o questionário com um grande número de estudantes, mesmo que as questões apresentadas fossem descritivas. Utilizou-se, para dar conta desse extenso conjunto de informações, a metodologia usada por outros estudos do campo da Educação Histórica, como em trabalhos desenvolvidos por Barca (2000) e Lee (1994). A intenção deste tipo de investigação é partir de um roteiro pré-estabelecido, mas que apresente a possibilidade de captar informações que surgem durante o processo de interação com os sujeitos participantes. A estrutura da investigação vai se construindo ao longo da pesquisa, cujos dados fornecem os subsídios para a posterior elaboração de categorizações acerca do pensamento histórico.

Do total de 542 entrevistados, apenas uma pequena porcentagem classificou as imagens e respondeu às questões de forma sucinta, inclusive utilizando a resposta “não sei”. A grande maioria desenvolveu a proposta de forma satisfatória, empregando ideias históricas na elaboração das narrativas sobre a História local e regional. Nenhum estudante se recusou a participar da atividade.

Concluída esta etapa da pesquisa, realizou-se a leitura de todos os materiais coletados nos municípios, construindo-se, a partir dos resultados obtidos, um quadro referencial com quatro categorias de ideias históricas identificadas nestas narrativas. Chegou-se à formulação apresentada: *narrativa presentista*,

narrativa etnocentrada, narrativa multicultural e narrativa intercultural. Tomando este quadro como instrumento de análise, fez-se novamente a leitura dos 542 questionários, destacando as principais ideias contidas nas respostas dos alunos e a classificação quanto às categorias formuladas.

Partindo das respostas dos estudantes, organizou-se um quadro referencial com as categorias de pensamento histórico identificadas nas narrativas apresentadas. Este instrumento não tem a pretensão de classificar definitivamente as ideias presentes nas elaborações dos jovens, mas organizá-las de forma que se possa analisar teoricamente, à luz da Educação Histórica, como os estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, ao concluírem esta etapa da escolarização, pensam sobre a História local e regional. Neste sentido, foram elaboradas as seguintes categorias de pensamento, a partir dos dados coletados:

Quadro 1 – Categorias do pensamento histórico dos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental a partir das narrativas sobre a regionalidade no Vale do Taquari

Categoria	Características principais
Narrativa presentista	Relaciona a identidade local ou regional predominantemente aos aspectos do presente; apresenta uma narrativa baseada em elementos do cotidiano, sem atribuir-lhes significados históricos; emprega conceitos substantivos.
Narrativa etnocentrada	Relaciona a narrativa local ou regional a sujeitos, personalidades ou a grupos específicos (predominantemente étnicos); destaca exemplos históricos como lições para o presente; emprega conceitos substantivos.
Narrativa multicultural	Identifica diferentes grupos e sujeitos na trajetória histórica local ou regional, porém de forma fragmentada e unidirecional; cada cultura é vista de forma isolada, sem identificar as relações interculturais; transição para conceitos de segunda ordem.
Narrativa intercultural	Estabelece relações entre os diferentes sujeitos e culturas; narrativas descentradas e interculturais acerca da regionalidade; narrativa multiperspectivada; ideias históricas sofisticadas e conceitos de segunda ordem.

Fonte: Elaboração do autor (2019).

Conforme estudos realizados por Barca (2000; 2011), Ashby e Lee (1987), Afonso (2016), Castro (2009), Dickinson e Lee (1978), entre outros, podemos identificar, por meio destas categorizações, possibilidades de compreender como os jovens pensam historicamente e, baseando-se nestas informações, projetar estratégias que ampliem a capacidade de compreensão e de aperfeiçoamento das ideias históricas, superando leituras lineares e pragmáticas do passado, em contraposição a um pensamento mais sofisticado e cientificamente orientado.

Para identificar os estudantes participantes da pesquisa, utilizaram-se os códigos alfa-numéricos compostos conforme o seguinte exemplo: Estudante nº 1 de Pouso Novo: PN-1. As siglas usadas para cada município foram elaboradas pelo autor, não correspondendo a determinações oficiais destas localidades.

CATEGORIZANDO AS NARRATIVAS

A análise das narrativas de estudantes do Ensino Fundamental representa, na perspectiva da Educação Histórica, um momento indispensável quando se pretende investigar as ideias prévias destes sujeitos e sua relação com o processo de formação do pensamento histórico e da consciência histórica. A leitura e categorização destas narrativas permite visualizar as relações que estes jovens constroem para orientar-se no tempo em que vivem. Revelam certezas, dúvidas, percepções acerca do outro, identidades, posicionamentos políticos, entre outras subjetivações que o conhecimento histórico ajuda a externar por meio do sentido que eles dão ao tempo e aos acontecimentos na sua organização textual.

Observando os resultados quantitativos desta análise, concluiu-se que a maioria dos estudantes utilizou ideias que caracterizam narrativas presentistas ou etnocentradas. As narrativas multiculturais aparecem em segundo plano, seguidas pelas narrativas interculturais, identificadas de forma significativamente menor em relação às demais. Porém, estes dados quantitativos apenas sinalizam um perfil geral do pensamento histórico presente nas narrativas dos jovens dos trinta e seis municípios. Para compreender estes dados, selecionaram-se algumas narrativas ou excertos delas para exemplificar de que forma estes estudantes contam a história do lugar onde vivem.

A investigação realizada permitiu uma aproximação com a realidade, estratégia fundamental quando se pretende compreender de que forma os estudantes pensam historicamente. Apesar das inúmeras variáveis que interferem

nestas elaborações de narrativas (tempo, lugar, condições do ambiente, disposição dos jovens, dentre tantos outros fatores que não são possíveis de prever quando se trabalha com esta metodologia), pode-se realizar um levantamento significativo, que permite mapear, pelo menos provisoriamente, as interações entre o conhecimento histórico escolar e as representações construídas *no e acerca* do território denominado Vale do Taquari.

De modo geral, percebeu-se que nas regiões onde a colonização italiana se fez presente, as narrativas tenderam a ser mais etnocentradas, enquanto nas regiões de colonização predominantemente germânicas, as ideias dos estudantes já se apresentaram mais diversificadas, incluindo mais narrativas multiculturais ou até mesmo interculturais. Na região onde a colonização açoriana ou portuguesa ocorreu de forma mais evidente, as narrativas tendem a ser mistas, não havendo um tipo predominante. Inúmeros fatores interferem nessas construções elaboradas pelos estudantes, o que não foi analisado nesta pesquisa.

O que pretendemos evidenciar são as relações que estas narrativas têm com aquelas construídas pelo e no território. Percebemos que a construção de uma ideia de regionalidade no Vale do Taquari, assim como ocorre em diversos outros territórios, participa e interfere na elaboração do pensamento histórico e da consequente consciência histórica. Esta, que se dá de forma diferenciada no processo de constituição de cada indivíduo, acaba dialogando com a cultura histórica, que é coletiva. Nessa dinâmica, os sujeitos constroem as suas formas de percepção e de orientação temporal, dando sentido a si e ao lugar em que vivem por meio de narrativas.

Nesse sentido, podemos destacar quatro exemplos de narrativas elaboradas pelos jovens do Vale do Taquari, cada uma correspondendo a um dos tipos categorizados nesta investigação. A primeira delas é a do jovem FO-1 (14 anos, feminino), caracterizada como *presentista*:

Forquetinha tem várias riquezas, um parque histórico com salões para festa, pizzaria, parquinho, etc. Nossa cidade também tem um CTG onde é um parque que é realizado todo ano em janeiro um rodeio. Também temos uma escola que vai completar 26 anos e o município tem 18 anos.

Uma porcentagem significativa de estudantes elaborou narrativas como essa, evidenciando tão-somente aspectos do presente, sem estabelecer relações com o passado local ou regional.

Em seguida, destaca-se o grupo de narrativas de tipo *etnocentrado*, cuja predominância foi evidente. Como exemplo, citamos este excerto da elaboração do jovem IL-2 (16 anos, feminino):

Ilópolis é uma cidade de pouco mais de 4000 habitantes. Tudo começou com a chegada dos imigrantes italianos, em pouco [tempo] a cidade estava caminhando para a emancipação, que ocorreu em 26 de dezembro de 1963. Ilópolis é uma cidade de se viver e encantar pelas suas belas paisagens e seu povo hospitaleiro, sempre esperando por você com as comidas típicas de nossa cultura e com um chimarrão. E na praça Itália tem um leão, que esse leão simboliza que o território foi conquistado sem guerra, pois o livro que ele segura está aberto e livro aberto significa que o território foi conquistado sem guerra e o livro fechado significa que o território foi conquistado com guerra, e ele está virado para o principal leão da Itália.

As narrativas desse tipo evidenciam os processos de imigração italiano e germânico, principalmente, cuja tendência é valorizar as qualidades dos imigrantes e os “desafios” enfrentados por esses sujeitos no passado, ligando tais eventos às características positivas atribuídas à regionalidade.

Em seguida, destacam-se as *narrativas multiculturais*, que identificam outras culturas e identidades na região, porém tendem a narrá-las de forma isolada ou hierarquizada. Os estudantes DL-1 (14 anos, feminino), DL-4 (14 anos, feminino) e DL-7 (15 anos, feminino), construíram narrativas desse tipo:

[...] nesta cidade tem várias religiões, como também diversas famílias e culturas, como polonês, alemão, italiano... cidade simples, mas eu principalmente gosto de morar aqui, pois é calmo. (DL-1)

Sem ferrovias a região não teria se desenvolvido. Os indígenas formam os primeiros moradores, e os negros fizeram parte da identidade do Brasil e da região [...]. Os primeiros colonizadores chegaram no início do século XX, com italianos, poloneses, alemães, etc. (DL-4)

[A identidade] italiana é a mais presente, seguida pelos alemães e poloneses. Os afro-brasileiros (minorias), indígenas (presentes de forma mínima). A maioria é católica. (DL-7)

Por fim, identificou-se nas elaborações como a da aluna ES-7 (15 anos, feminino), ideias de perspectiva intercultural:

Não podemos esquecer nenhuma destas culturas na história de Estrela, pois todos fazem parte dessa história. O passado e a presença negra mostram que houve e ainda existe preconceito, violência. Devemos respeitar todos. O Festival do Chucrute mostra que os alemães são a maioria, mas tem inclusive italianos na cidade.

Mesmo que a narrativa não construa uma reflexão histórica complexa, identifica-se nas ideias desta jovem uma elaboração que anuncia uma compreensão intercultural, cuja abordagem reconhece conflitos, diversidade e interação entre as diferentes identidades.

As narrativas desses jovens mostram que a região é um construto humano. É resultado dessas e outras narrativas que são elaboradas no tempo e no espaço, selecionando passagens que interessam e invisibilizando aquelas que não se integram aos projetos de regionalidade. Múltiplos sujeitos participam desta trama, assim como diversos deles têm suas vozes silenciadas. A história contribui para essas cristalizações identitárias, trazendo para o presente os passados que colaboram para a formatação de roteiros de turismo, lugares de memória, festividades, celebrações e outras manifestações que atuam no território.

Ao percorrer os trinta e seis municípios que compõem este mosaico de identidades, foi possível observar de perto vários desses projetos de construção de identidade, não apenas ao visitar as escolas e questionar os alunos, mas também andando pelas ruas das cidades, fotografando seus detalhes a fim de montar o quebra-cabeças que se apresentava a cada etapa da investigação.

O sentimento de pertencimento territorial, cristalizado nas narrativas sobre a regionalidade, desfaz-se neste contato humano. Afinal, os moradores dos municípios visitados são sujeitos vivendo no século XXI, apesar das diferentes narrativas que emitem sobre o passado. As memórias individuais são múltiplas e indefinidas, variando de acordo com o tempo presente. Já as memórias coletivas parecem não dialogar com essas individualidades, promovendo celebrações que delimitam quais memórias pertencem ao território e quais são delegadas aos espaços restritos da família, do grupo de amigos, dos lugares por vezes invisíveis para quem chega à cidade como um visitante.

A trama, no entanto, precisa ser mantida. As gerações do presente, sujeitos em formação, não viveram as experiências do passado. Por isso, cabe aos guardadores destas memórias a tarefa de perpetuar as narrativas para que, no entendimento desses sujeitos, a identidade “não se perca”. Diferentes espaços colaboram para que esse processo se efetive, desde o ambiente familiar até grupos de convívio e de trabalho, clubes de lazer, igrejas, partidos políticos, entre outros agrupamentos que investem na valorização de passados presentes.

O conhecimento histórico, conforme explica Rüsen (2015), não negligencia o seu “lugar na vida”. Ele efetiva esta relação entre a cientificidade e o seu significado como orientação temporal. As pessoas, em seu cotidiano, buscam respostas que preencham vazios, sejam eles materiais ou existenciais. É visível a alegria e o orgulho de quem, numa festa de aniversário de um pequeno município colonizado por germânicos no século XIX, veste um traje “típico” e se diverte ao som de músicas de bandas, degustando pratos considerados também originais do país de onde os antepassados saíram há quase duzentos anos.

Essas constatações nos provocam a refletir sobre os limites e possibilidades que o ensino de História apresenta na contemporaneidade, quando o mundo vive, segundo Rüsen (2015), carências de orientação e uma conseqüente necessidade de humanização. Neste cenário de globalização, a Educação Histórica busca compreender como se dá o processo de construção desta consciência histórica dos sujeitos, transpondo o ensino de História tradicional, pautado pela memorização e pela reprodução de informações ditadas por pretenso porta-vozes do conhecimento científico.

CONCLUSÃO: POR UMA NOVA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E HUMANISTA

A partir da Teoria da História de Jörn Rüsen (2015), identifica-se no ensino de História regional a possibilidade de acionar os dispositivos da consciência histórica dos sujeitos que ensinam e que aprendem. Tal realidade é um espaço privilegiado para analisar como se dão as formas narrativas e que sentidos elas representam para os estudantes. Investir na pesquisa e no desenvolvimento de metodologias para o ensino da(s) região(ões) representa um interessante exercício para compreender algumas proposições do autor quanto ao Humanismo e à Didática da História.

Partindo da análise de que o ensino no Ocidente veio se voltando para o utilitarismo e para a instrumentalização dos alunos ao longo do século XX, Rösen (2012) retoma a importância de uma Educação Histórica que privilegia a humanização. Esta proposta visa uma aprendizagem histórica que reconheça o outro no processo de formação da consciência histórica. Isso significa romper com o ensino pragmático, preocupado apenas com a transmissão de informações e a consequente reprodução de conhecimentos para contemplar um sistema de ensino voltado a metas e resultados quantitativos.

A Educação Histórica busca construir aprendizagens significativas e qualitativas, que viabilizem a autonomia dos sujeitos, bem como o reconhecimento das identidades em meio a uma diversidade cultural crescente na contemporaneidade. Neste sentido, evidenciamos o papel do ensino de uma história da regionalidade, ou seja, que insira os alunos num processo de compreensão do lugar onde eles vivem, partindo das narrativas regionais como um “recorte” da História nacional e mundial.

A Didática da História, assim, atua no sentido da construção da consciência histórica a partir de uma proposta que envolva a visita a lugares de memória da cidade ou da região, a utilização de materiais publicitários na aula de História, a coleta e a análise de narrativas de pessoas da comunidade, dentre outros portadores de discursos que registram as memórias locais, as suas manifestações e os artefatos culturais produzidos pelos sujeitos. Estas estratégias viabilizam, desta forma, o diálogo entre o ensino e a pesquisa, entre a ciência histórica e as necessidades da vida prática.

Os alunos tornam-se efetivamente conscientes da história quando constroem a sua identidade e respeitam a alteridade. Por isso, Rösen defende uma História da humanidade, sem extrair conteúdos, mas remodelando a forma de ensiná-los; fazendo com que o estudante perceba o caminho que a humanidade trilhou, porém assumindo a sua identidade neste processo e utilizando estes conhecimentos para agir no mundo. Isso não significa estocar conhecimentos sobre a humanidade, mas compreender os processos de mudanças e o significado destas transformações, relacionando-as com o presente.

Como ultrapassar a força etnocêntrica na compreensão intercultural deste cenário contemporâneo? O Humanismo oferece respostas, pois a condição humana é comum a todas as pessoas; ele define a sua comunalidade e ao mesmo tempo torna possível a multiplicidade de formas de vida e das suas mu-

danças históricas. O Humanismo tem analisado o elemento comum da vida humana, os seus valores e normas, e ao mesmo tempo reconhece a diferença e a variedade como uma manifestação da natureza cultural da humanidade.

Voltamos, a partir destas reflexões, ao papel que o ensino de uma História regional pode representar na formação de uma consciência histórica humanizada e humanizadora. Compreender as diferentes culturas que habitam e atuam em uma região corresponde a uma oportunidade única de aprendizagem histórica, em que os sujeitos que ensinam e que aprendem podem lidar com os vestígios de um passado que, apesar de próximo, conecta-se a outros passados, outras temporalidades e, acima de tudo, à humanidade.

Conforme a pesquisa realizada com os estudantes do 9º ano que frequentam as escolas dos municípios do Vale do Taquari, constatamos que os grupos não associados à identidade regional hegemônica acabam sendo invisibilizados também nas narrativas produzidas por estes jovens. A história, apesar de evidenciar a multiplicidade de sujeitos que integram o processo de formação do território analisado, é confrontada com as narrativas sobre a regionalidade produzidas pelos diferentes atores que selecionam nuances do passado, a partir de uma perspectiva predominantemente etnocentrada. Investigar as ideias históricas dos jovens não oferece a solução para essas contradições, mas oportuniza que possamos, como historiadores e professores, projetar aproximações entre ensino e pesquisa e desnaturalizar processos que são históricos, sujeitos a novas leituras e escritas sobre o passado e o presente.

REFERÊNCIAS

- BARCA, Isabel. Narrativas históricas de alunos em espaços lusófonos. In: BARCA, Isabel (Org.). *Consciência Histórica na Era da Globalização*. Centro de Investigação em Educação. Universidade do Minho: Braga, 2011.
- BARCA, Isabel. *O pensamento histórico dos jovens: ideias dos adolescentes acerca da provisoriedade da explicação histórica*. Tese de Doutoramento - Universidade de Londres. Universidade do Minho: Braga, 2000.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 2ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- BOTTONI, Natália. Projeto da Univates aborda população “esquecida” na colonização do Vale do Taquari. Univates, 10 dez. 2018. Disponível em: <https://www.univates.br/noticia/24483>. Acesso em: 18 mar. 2019.

- CERRI, Luis Fernando. *Ensino de história e consciência histórica*. Rio de Janeiro: FGV, 2011.
- FERREIRA, Maria Leticia M. Entre memória e patrimônio: a difícil gestão do passado. *Historiae. História, Memória e Patrimônio*. Vol. 3(3). Rio Grande: FURG, 2012.
- LEE, Peter. Progression in children's history. *Tsing Hua Newsletter for teaching history*. Vol. 3, 1994, p. 5-13.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.
- MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro; MONTEIRO, Katani Maria Nascimento. Patrimônio, identidade, cidadania: reflexões sobre Educação Patrimonial. In: BARROSO, Vera Lúcia Maciel [et al.] (Org.). *Ensino de História: desafios contemporâneos*. Porto Alegre: EST: Exclamação: ANPUH/RS, 2010.
- NICOLINI, Cristiano. "Entre Vales e Montanhas...": análise das representações históricas dos imigrantes e a construção da identidade regional no Vale do Taquari. 2006. 180 p. Monografia (Especialização em História do Brasil: Novas Perspectivas em Ensino e Pesquisa II) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2006.
- NICOLINI, Cristiano. A construção da identidade territorial a partir das manifestações culturais no Vale do Taquari: etnografia dos Grupos de Danças Folclóricas Alemãs de Estrela e do 47º Festival do Chucrute. 2013. 206 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2013.
- RÜSEN, Jörn. *Teoria da história: uma teoria da história como ciência*. Trad. Estevão C. Rezende Martins. Curitiba: Editora UFPR, 2015.
- SEYFERTH, Giralda. Identidade étnica, assimilação e cidadania. A imigração alemã e o Estado Brasileiro. *RBCS*, nº 26, ano 9, p. 103-122, out. 1994.
- SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de Conceitos Históricos*. São Paulo: Contexto, 2006.
- UNIVATES. *Educação Patrimonial: dinâmicas da colonização humana no Vale do Taquari*, Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.univates.br/noticia/24483>. Acesso em: 18 mar. 2019.

Artigo recebido em 25 de março de 2020. Aprovado em 9 de junho de 2020.